

## Prefácio

# DESLOCAR O OLHAR: O FUTEBOL PARA ALÉM DOS HOLOFOTES

**Silvana Vilodre Goellner**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Meu primeiro contato com práticas do futebol de várzea e comunitário se deu na década de 1990, quando atuei como coordenadora do Programa de Educação Física da Fundação de Educação Social e Comunitária (FESC), vinculada à Prefeitura Municipal de Porto Alegre, então sob a gestão de Olívio Dutra, do Partido dos Trabalhadores. À época, democratizar o acesso ao esporte não era apenas um objetivo programático: compunha uma aposta política na ampliação de direitos e na reconfiguração das formas de participação nos territórios da cidade.

Os centros comunitários, distribuídos pelas diferentes regiões de Porto Alegre, materializavam essa aposta. Eram espaços atravessados por desigualdades estruturais, mas também por experiências concretas de organização coletiva, tensionadas e potencializadas por iniciativas como o Orçamento Participativo. Mais do que equipamentos públicos, constituíam-se como territórios de disputa: pelo uso do espaço, pela definição de prioridades, pela legitimidade de práticas e sujeitos.

Foi nesses espaços que encontrei o futebol em sua forma mais persistente e também mais contraditória. De um lado, os campeonatos de várzea, protagonizados majoritariamente por homens adultos, mobilizavam pertencimentos, afetos e redes comunitárias. De outro, reproduziam, com notável aderência, a lógica do esporte espetacularizado: hierarquias rígidas, centralidade da competição, exclusões naturalizadas e a consa-

gração de um modelo único de prática, profundamente marcado por gênero, classe e, não raramente, por raça.

Reconhecer essa ambivalência foi decisivo. Tornou-se evidente que não bastava ampliar o acesso ao esporte se permanecessem intocados os modos pelos quais esse acesso era organizado e significado. Democratizar, nesse contexto, implicava também problematizar: interrogar as normas, desestabilizar hierarquias e disputar sentidos.

Foi a partir dessa compreensão que passei a investir em um diálogo mais sistemático com a comunidade local, com professoras e professores dos centros comunitários e com as/os usuárias/os desses espaços. Não se tratava de substituir uma forma de futebol por outra, como se houvesse um modelo “correto” a ser implementado, mas de abrir brechas no interior do já instituído: criar condições para que outras experiências pudessem emergir, ganhar legitimidade e disputar espaço.

Nesse processo, tornou-se incontornável perceber que o futebol não se restringia às competições formais. Ele se fazia, sobretudo, no cotidiano: nas peladas, nos encontros informais, nas ocupações persistentes dos espaços públicos. Era ali, especialmente entre meninos, que se teciam redes de sociabilidade, pertencimento e reconhecimento. Era ali também que se explicitavam ausências: onde estavam as meninas, as mulheres, outros sujeitos historicamente afastados desses espaços?

Essa experiência produziu um deslocamento irreversível em minha trajetória. O esporte (e o futebol em particular) passou a ser mais fortemente assumido como um campo atravessado por relações de poder. Um campo no qual se produzem inclusões e exclusões, visibilidades e silenciamentos, reconhecimentos e apagamentos. Foi nesse horizonte que se consolidou meu compromisso com a investigação e com a intervenção: ampliar as formas de apropriação das práticas esportivas por diferentes sujeitos e grupos, afirmando a legitimidade de modos plurais de jogar, viver e significar o futebol.

É precisamente esse deslocamento que reencontro ao ler esta obra que tenho a alegria e a honra de prefaciar. Ao reunir pesquisas sobre o futebol de várzea, comunitário e de lazer, o livro opera um gesto político fundamental: desafia a centralidade do futebol profissional como

medida única de valor e visibilidade. Desloca o olhar das arenas globais para os campos de terra, das grandes audiências para as comunidades, dos heróis consagrados para os sujeitos coletivos - muitas vezes minorizados - que sustentam, cotidianamente, a existência do futebol.

Os capítulos aqui apresentados são contundentes ao afirmar que o futebol de várzea não é uma versão menor, precária ou inacabada do futebol “verdadeiro”. Essa hierarquia, longe de ser natural, é produzida por regimes de visibilidade e por interesses econômicos, políticos e midiáticos que historicamente relegam essas práticas à margem. O que este livro evidencia é o contrário: estamos diante de um universo denso, historicamente enraizado e socialmente potente, no qual se elaboram formas próprias de organização, formação, pertencimento, disputa e resistência.

Mais do que descrever experiências, os textos se engajam em uma tarefa crítica: analisar como se produzem e se transformam os modos de gestão e participação nesses contextos e, sobretudo, explicitar as relações de poder que os atravessam, em especial aquelas marcadas por gênero e raça. Ao fazê-lo, a obra não apenas amplia o conhecimento sobre esses circuitos, mas também intervém no próprio campo de estudos, tensionando agendas e reposicionando objetos historicamente desvalorizados.

A diversidade de abordagens, territórios e estratégias metodológicas não fragmenta o conjunto; ao contrário, revela a complexidade e a vitalidade dessas práticas. Ao colocar em cena narrativas, documentos, etnografias e análises comparativas, o livro nos convida a pensar o futebol a partir de lugares historicamente tornados marginais e, ao fazê-lo, questiona o próprio gesto de marginalização.

Este não é, portanto, um livro apenas sobre futebol. É um livro sobre poder, sobre desigualdade, sobre resistência e sobre a disputa por reconhecimento. É um livro que nos obriga a rever o que consideramos central e periférico, legítimo ou secundário.

Que sua leitura nos desacomode. Que nos leve a tensionar hierarquias naturalizadas e a reconhecer que, nos campos de várzea e nos espaços comunitários, não apenas se joga futebol: ali também se produzem mundos, se afirmam direitos e se inventam outras formas de existir.